



C T O – “RESPONSABILIDADE DE TODOS NA RECUPERAÇÃO, UNIDADE E SERVIÇO”

ÁREA 17 PARANÁ

“RESPONSABILIDADE DE TODOS...”

Eis a razão de viver de todos nós. O fator primordial da sobrevivência e permanência de Alcoólicos Anônimos nos Escritos de Perpetuidade na humanidade, “Responsabilidade de todos – CTO – RECUPERAÇÃO, UNIDADE E SERVIÇO”.

Por mais que tentemos inverter qualquer destas designações, e coloca-las em qualquer ordem, para eventualmente podermos dizer que não nos cabe, sempre vai acabar nos chamando à “Responsabilidade”. Não temos como fugir, tentar mascarar, ou procurar motivos “justificáveis” para dizer que não funciona, Simplesmente diremos, “funciona”, basta acreditar!!!

Tudo que sabemos até os dias de hoje em Alcoólicos Anônimos vem do Termo C.T.O.. Todos os aromas, toda sensibilidade e todo entendimento de nossa obediência rumo a sobriedade.

Podemos acreditar que assim o é, e repassar essa nossa verdade em todas as “experiências” de vida que pudermos àquele que está iniciando esta caminhada, é de nossa inteira responsabilidade.

Aquele que chega a nossa porta, onde escutamos um toque de campainha e ao abrimos a porta, eis que nos deparamos com aquela

pessoa, aquele “ser humano” postado a soleira da porta. Seria cabível aqui fazer uma comparação: Pensemos nós, se, em uma noite qualquer, quando em nossa casa sossegados, ao lado de nossos familiares a campainha rompe o silêncio, onde, quando ao abrirmos a porta nos deparamos com um cesto com um bilhete, simplesmente nos pedindo que cuidasse daquela criança, pois seus pais não tinham mais condições de criar seu filho. Acolhemos essa criança sem saber de onde veio e a colocamos no lugar mais confortável da casa com muito carinho (coração apertado), lhe damos afeto, atenção, respeito, ou seja, AMOR!

Seria diferente nos nossos grupos de A. A. ? A partir daquele momento a família assumiu uma responsabilidade com aquele ser humano, frágil e indefeso, procurando lhe proporcionar recuperação pelo seu trauma já vivido mesmo tão pequenino ainda.

Conciliando a união da família em também se doar àquele pequenino ser, que podemos denominar de UNIDADE familiar, sabendo que, se quisessem realmente acolher aquele pequenino ser em seu seio, teriam que trabalhar mais, muito mais, porque aquela boca não precisaria apenas de refeições, que o seu corpo, sua alma e seu espírito necessitariam de AMOR, e se dedicar ao Serviço sem Amor, de nada adiantaria.

Voltando ao nosso Grupo, à nossa irmandade, será que o procedimento não seria o mesmo? As vezes um familiar até poderia desaprovar esta atitude dos demais, mas a maioria assim determinou, e não poderiam virar as costas.

Poderíamos também aqui voltarmos essa realidade aos Grupos, a nossa Irmandade?

Pela gratidão no acolhimento nesse novo lar, esse pequenino ser cresceu com gratidão, esforçando-se no decorrer da sua vida, com gratidão, retribuir a generosidade dessa família que o acolheu. Lembrou que não fizeram distinção nenhuma sobre suas condições, e que nem a “cor de seus olhos” seria um fator diferencial, ou seja, não valorizaram qualquer questão social, e simplesmente agradeceram a DEUS, por mais este presente em suas vidas.

Poderíamos aqui também reportar ao nosso grupo de recuperação toda essa passagem? Acontece realmente isso? E se acontece, poderíamos chamar de C.T.O.?

E vejam bem, a família que assim procedeu, não precisou ser condecorada ou homenageada pelo seu ato HUMANITÁRIO.

Teríamos algo em comum?

Não podemos jamais esquecer o que nos move. Não podemos mais descredenciar nossos meios de levar a mensagem. Não precisamos mais inventar uma fórmula mágica de transmitir a mensagem, levar a mensagem, de abordar e segurar a mão daquele que necessita.

Não precisamos de um “Coração artificial, marca passos, ponte de safena ou algo que o valha”.

O coração de Alcoólicos Anônimos se renova a cada dia.

Por um “Milagre da Vida”, nossas artérias são renovadas a cada dia.

Não devemos temer a morte, pois o espírito nunca morre, e Alcoólicos Anônimos é Espiritual.

(Fonte: Relatório da XXXVII Conferência de Serviços Gerais – páginas: 157 - 158 – Ano: 2.013)